

São Paulo é bicampeão paulista

Com a vitória de 2 a 0 ontem no Morumbi, o time de Formiga obrigou a Ponte Preta a amargar outra final perdida



Carlos se empenhou muito, mas outra vez foi só vice.



Renato foi o grande herói do time, fazendo um gol e dando o passe para Serginho liquidar as pretensões da Ponte Preta.

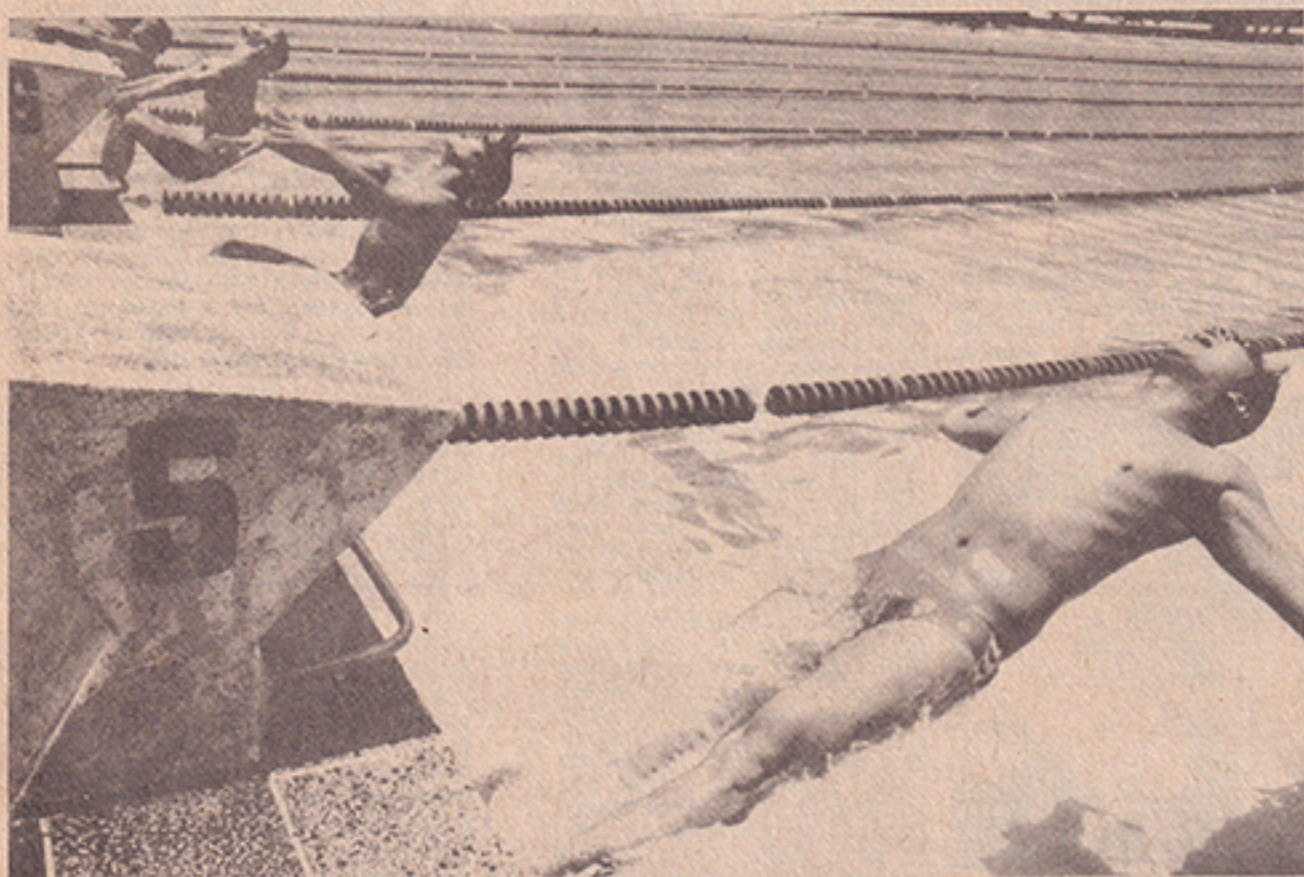
Sto. André e 15 decidem amanhã

Sábado, no Parque Antártica, os dois times empataram novamente por 1 a 1



O segundo jogo da série que apontará o campeão da 2.ª Divisão não apresentou um bom nível técnico e teve três expulsões.

Quebrada a invencibilidade do Pinheiros

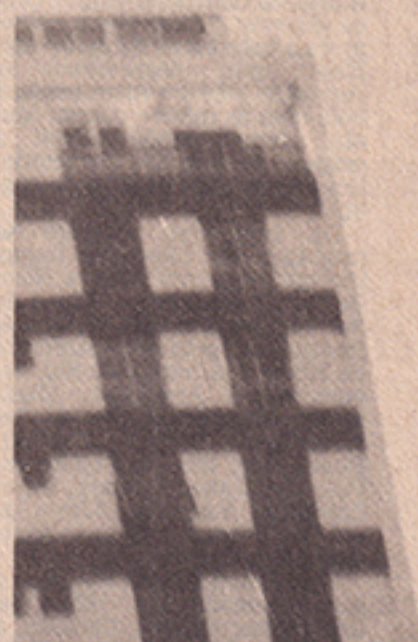


Na piscina do Ibirapuera, o Pré-Campeonato de Natação foi encerrado com mais dois recordes.

Após 8 anos, o Pinheiros perdeu ontem um título na natação paulista. Mas foi apenas na categoria adulta, onde o Paulistano sagrou-se campeão; entre os juvenis, o Pinheiros ainda é o melhor. Participaram do Pré-campeonato 364 nadadores, de 15 clubes da Capital e interior. Pág. 16

Semanal ganha o título nos Saltos Ornamentais

Pág. 17



Maria Cristina, campeã em plataforma e trampolim.

São Paulo, mais uma vez bicampeão

Renato marcou o primeiro gol e deu o passe para Serginho fazer o segundo, liquidando com o sonho da Ponte Preta

O São Paulo se tornou bicampeão paulista, ontem, ao derrotar a Ponte Preta por 2 a 0, no Morumbi, na segunda partida da melhor de três da final do campeonato. O primeiro jogo, também disputado no Morumbi, na última quarta-feira à noite, terminou empatado sem gols.

Com o título alcançado ontem, o São Paulo repete a conquista que já tinha alcançado em 1970 e 71, quando seu meio de campo era comandado pelo genial Gérson: dois bicampeonatos em uma década. Agora, pelo menos nessa partida outro jogador de meio de campo foi o grande herói e responsável pela vitória:

feitas, produzindo o 2 a 0 que acabou com as esperanças do time de Campinas.

Entretanto, esse título do São Paulo talvez fique para a história como o do campeonato paulista mais confuso e tumultuado, permanentemente prejudicado pelos interesses políticos e por fórmulas que terminaram por dar todo o poder para o presidente da FPF, Nabil Abi Chedid.

ESTÁDIO: Morumbi; JUÍZ: Dulcildo Vanderlei Boschilia; RENDA: Cr\$ 21.488.900,00;

PÚBLICO: 63.841 pagantes; GOLS: Renato, aos 39 m do primeiro tempo, e Serginho, aos 41 m da segunda etapa; SÃO PAULO: Valdir Peres; Getúlio, Gassem (Ne), Dário Pereira e Marinho Chagas; Almir, Renato e Eriberto; Paulo César (Tatú), Serginho e Mário Sérgio; PONTE PRETA: Carlos; Toninho Oliveira, Juninho, Nenê e Odriel; Zé Mário, Marco Aurélio e Dicá; Edson (Abel), Chicão (Jorge Campos) e Oswaldo. CARTÕES AMARELOS: Paulo César e Edson.

Renato, que desarmou todo o esquema ofensivo da Ponte Preta, armando jogadas, puxando os marcadores sobre si, produzindo contra-ataques. Além disso, ele marcou o primeiro gol, de cabeça, aos 39 minutos da primeira etapa. Como se não fosse suficiente, deu o passe para Serginho fazer o segundo gol, em um contra-ataque rápido, no qual ele se deslocou para a esquerda, atraindo a marcação da Ponte Preta, para lançar seu companheiro em condições per-

Aos 39 minutos, Renato faz a torcida explodir

Excessivamente cautelosos e muito mais preocupados em ganhar a disputa no meio campo do que em atacar, São Paulo e Ponte Preta realizaram um primeiro tempo de poucas emoções. Na verdade, o time dirigido por Formiga começou melhor, com seu meio de campo bem posicionado, ao contrário do da Ponte, onde Edson não se definia nem à frente, nem atrás, sobrecarregando o trabalho de Zé Mário, Marco Aurélio e Dicá.

Serginho, colocando insistentemente a mão na coxa — um claro sinal de que não estava bem —, não se movimentava e era presa fácil para Juninho e Nenê. Mas Renato, em grande tarde, jogava por ele e pelo centroavante, ora calando as costas de Odriel, ora às costas de Toninho Oliveira, e abrindo espaços para Paulo César e Mário Sérgio entrarem pelo meio.

Aos 7', o primeiro chute em gol: Renato, a meia distância, com Carlos tendo alguma dificuldade para defender, por causa do gramado irregular. Com o correr do tempo, no entanto, a Ponte começou a acertar: Odriel começou a apolar com mais insistência, Osvaldo passou a jogar pelo meio e Edson achou sua posição (entre Dário Pereira e Marinho Chagas, que avançava e não era coberto por Mário Sérgio).

Aos 13' e 15', dois perigosos arremates de Edson, o primeiro por cima e o segundo obrigando Valdir Peres a realizar boa defesa. "É pelo meio que precisamos atacar. Pelas laterais está difícil" — dizia Jair Picerni, técnico da Ponte. "O Marinho e o Mário Sérgio não es-

tão jogando com atenção. Eles têm que ter mais cuidado" — afirmava Formiga, visivelmente preocupado no banco.

Mas o lateral-esquerdo do São Paulo pouco se importava com o alerta de seu treinador. Ia constantemente à frente, explorando os espaços arditosamente deixados por Edson e levando Dário Pereira, Almir e Gassem quase ao desespero.

Porém, se no ataque do São Paulo o artilheiro Serginho era um jogador praticamente nulo, Chicão, centroavante da Ponte, não dava trabalho a Dário e Gassem, que disputava uma partida impecável, até mesmo no jogo pelo alto, seu ponto fraco.

Mas eis que, a partir dos 30', o São Paulo resolve pressionar. Levantando bolas sobre a área do adversário, é verdade, mas insistindo sempre. Até que, aos 39', Juninho e Nenê não conseguiram interceptar um cruzamento de Getúlio, da direita. E a bola, passando por Serginho e pelos dois zagueiros de área da Ponte Preta, encontrou Renato, que cabeceou indelévelmente no canto direito de Carlos.

Em desvantagem, a equipe de Jair Picerni avançou, tentando o empate. E, automaticamente, possibilitando ao São Paulo descer em contra-ataques, bem ao seu gosto.

Todavia, não havia tempo para um novo gol. Para alívio de Jair Picerni: "Felizmente, o primeiro tempo acabou. Agora, no vestiário, poderemos arrumar o time para o segundo. A partida não está perdida e podemos até virá-la. A Ponte tem condições para isso."

Abel, aos 39', tivesse uma boa oportunidade para empatar (Valdir defendeu, quando Osvaldo se preparava para aproveitar qualquer sobra).

Aos 41, o fim das esperanças da Ponte e o início da festa da torcida do São Paulo: Nenê perdeu a bola no meio-campo. Mário Sérgio tocou para Renato, que, de pelmeira, lançou Serginho, em boa posição. E o centroavante, apesar de suas más condições físicas, teve o reflexo para encobrir o goleiro com um leve toque e concluir para o gol vazio.

Uma vitória consumada com o apito final de Dulcildo, quatro minutos depois, e muito festejada por Formiga, jogadores e pelos torcedores que brularam a vigilância do policiamento e invadiram o campo.

"Foi uma vitória incontestável e que não merece qualquer restrição. Nós sabíamos que a Ponte viria para cima da gente, no segundo tempo e montamos uma estratégia para aproveitar os contra-ataques. Graças a Deus deu tudo certo, apesar do pênalti perdido pelo Getúlio. Agora, teremos tempo para trabalhar, armar o time como quero, aprimorar o seu toque de bola e lançar novos jogadores. Foi difícil, mas assim é que é bom. Daí mais gosto comemorar um bicampeonato que não foi fácil de ser conquistado" — dizia Formiga no vestiário, enquanto ainda no campo, Mário Sérgio era carregado nos ombros dos torcedores e Renato, diante de um dos gols, rezava.



A diretoria do São Paulo investiu um bom dinheiro para montar o time bicampeão.



Edson e Riberto disputam um lance num dos muitos avanços da Ponte Preta.



A festa são-paulina começou no fim do primeiro tempo e explodiu no segundo.

Antes do jogo, muita violência

Os ônibus das várias caravanas da torcida da Ponte Preta vinham trazendo gente desconfiada com a decisão de jogar mesmo no Morumbi, criticando ainda o presidente do clube, Edson Agglo, e tentando o coro tímido de identificação, quando começaram a chover pedras. Antes, vieram os palavrões, saldos de um amontoado de camisas tricolores, algumas claramente identificadas como da Torcida Uniformizada do São Paulo. Depois, pedras, tijolos, pedaços de paus praticamente destruindo o ônibus que trazia 50 torcedores de Campinas.

A Polícia Militar decidiu intervir, cercando o ônibus que já estava próximo ao portão principal do Morumbi, ao lado das bilheterias. Mas, ao invés, de parar os agressores, os policiais se viraram contra os ocupantes do veículo, fazendo-os descer, conduzindo quinze a vinte para dentro do estádio e, ao final, mantendo oitro torcedores da Ponte Preta detidos, enquanto outro tanto era liberado após exame de dosagem alcoólica.

Aparentemente garantida pela distração do policiamento em só se preocupar com os agredidos, a torcida do São Paulo ganhou mais coragem com a impunidade e ainda depredou outros dez ônibus, estacionados nos arredores do estádio, próximos às rampas de acesso para os torcedores de Campinas. Cobrado a respeito desse comportamento lamentável, o presidente da Torcida Uniformizada do São Paulo, Hélio Silva, garantiu que os agressores não pertenciam ao seu grupo. Referência desnecessária, porque nada melhor para identificação que os uniformizados. Mesmo assim, só 40 minutos após os lamentáveis acontecimentos, o policiamento detinha al-

guns dos responsáveis pelas agressões, no episódio mais violento da tarde, até o início da partida.

O público começou a chegar cedo ao Morumbi, e a venda antecipada de ingressos animava o administrador do estádio, Gino Orlandi a pronosticar uma arrecadação de 30 milhões de cruzeiros para a decisão. Por prevenção, a Federação Paulista de Futebol colocara à venda 126.809 ingressos que representariam — se todos fossem vendidos — uma arrecadação de Cr\$ 44.251.700,00. Mas, até as 15h15, na primeira parcial, havia-se arrecadado 12,15 milhões de cruzeiros, computando-se o posto de vendas mantido em funcionamento até as 13 horas na sede da Federação Paulista de Futebol.

A torcedora símbolo da Ponte Preta foi uma das primeiras frequentadoras do saguão do Morumbi. Aliás, mais do que no saguão, seu interesse era se aproximar do vestiário número dois e esparramar sal grosso pelos cantos, fazer suas rezas e benzimentos. Dizendo-se uma sofridora pela Ponte, capaz de perder sua família, morar sozinha, preço pago por acompanhar seu clube por toda parte, ela tentava escapar da vigilância dos muitos fiscais espalhados pela Federação para evitar os "penetras", estranhos ao espetáculo.

"E vocês acham que eu sou estranha ao espetáculo?" perguntava, indignada, a eterna Conceição...

"Ela propriamente não, mas o senador Orestes Quêrcia admitia de viva voz que jamais gastou seus fins-de-semana em estádios de futebol. "Eu nunca vim ao Morumbi, para dizer a verdade". E também, para dizer a verdade, o candidato pelo PMDB (postulante a candidato, na verdade) confessava ter sido arrastado à final do

Estes são os heróis do Morumbi

Valdir Peres Arruda (21/51): Veterano jogador da equipe, só agora, aos 30 anos, conseguiu firmar-se como o titular absoluto da seleção brasileira, embora a tenha integrado como reserva nos mundiais da Alemanha e da Argentina. Iniciou sua carreira em Garça, (cidade em que nasceu) em 68, e foi contratado à Ponte Preta pelo São Paulo em 73. Conquistou 2 campeonatos regionais (75 a 80), foi campeão brasileiro em 77 e vice em 80.

Getúlio Costa de Oliveira (26/254): E natural de Belo Horizonte, onde começou a carreira. Jogando nas equipes inferiores do Atlético Mineiro. Convocado várias vezes, espera nova chance na seleção brasileira que irá ao Mundial da Espanha. Foi campeão brasileiro em 77 e vice em 80; campeão paulista em 80.

Gassem Salim Youssef (18/358): Paranaense de nascimento (Curitiba), iniciou a carreira no CA. Paissandu, e em 75 conseguiu o seu primeiro título como amador defendendo o Colorado, clube para o qual se transferiu. Em 79 foi campeão estadual, já como profissional e em 80, já no São Paulo, sagrou-se campeão paulista. E vice-brasileiro, em 81.

Alfonso Dário Pereyra Bueno (20/1056): Integrante da seleção uruguaia diversas vezes — nasceu em Montevideo — é hoje considerado não só um dos grandes astros do São Paulo, mas um dos melhores quarto zagueiros do Brasil. Foi contratado em outubro de 77 ao Nacional, do Uruguai, ano em que foi campeão brasileiro. Campeão paulista em 80, é vice-campeão brasileiro de 81.

Francisco das Chagas Marinho (8/252): Natural de Natal (RN), incluiu nos juvenis do ABC, de Natal. Transferiu-se para o Náutico, do Recife, e de lá foi para o Botafogo, do Rio. Jogou ainda no Fluminense, no Cosmos e no Strikers, estes dois últimos clubes dos Estados Unidos. Em janeiro de 81 veio para o São Paulo. Jogando pela seleção brasileira, foi considerado um dos melhores jogadores do Mundial da Alemanha.

Almir José Gil (28/1053): Apesar de chamado de "jogador operário", foi-se mantendo na equipe, em meio aos "cobras". É catarinense de Florianópolis e começou jogando no Figueirense. Antes de chegar ao São Paulo, em julho de 80, passou ainda pelo Aval e pelo Coritiba, conquistando o título paranaense em 78 e 79. E campeão paulista de 80 e vice-brasileiro de 81.

Heriberto Longuinho da Cunha (7/460): Nasceu em Santa Rita do Sapucaí, Minas Gerais, mas começou jogando nas equipes juvenis do São Paulo, em 77. Tornou-se profissional em julho de 80, ano em que conquistou o título de campeão paulista.

Carlos Renato Frederico (21/257): Iniciou a carreira no Buenópolis, de Morungaba (SP), cidade em que nasceu. Campeão brasileiro pelo Guarani em 78, para o qual se transformou em 76, integrou a seleção brasileira na Copa América, em 79. Veio para o São Paulo em fevereiro de 80, e foi campeão paulista nesse mesmo ano. E vice-brasileiro de 81, e outro que faz parte da seleção de Telê Santana.

Paulo César Camassutti (26/160): O início da carreira aconteceu no juvenil do C.A. Taquaritinga, de onde passou para as equipes juvenis do Botafogo, de Ribeirão Preto. Em 78 tornou-se profissional e em 79 foi contratado pelo São Paulo. Campeão paulista de 80 e vice-campeão brasileiro de 81. É natural de Taquaritinga.

Sérgio Bernardino — Serginho — (23/1253): Nascido em São Paulo, capital, começou no juvenil do São Paulo em 71. Reintegrou-se ao elenco do Morumbi, em 74, depois de ser emprestado ao Marília (73). É hoje um dos jogadores mais polêmicos do futebol brasileiro e seu gênio, explosivo às vezes, lhe custou algumas convocações. Artilheiro da equipe e tido por muitos como o melhor centroavante do Brasil, Serginho foi campeão paulista em 75 e 80, campeão brasileiro em 77 e vice em 81.

Mário Sérgio Pontes de Paiva (7/850): Natural do Rio de Janeiro, incluiu sua carreira no Flamengo, em 68. Passou a profissional no Vitória da Bahia, em 71, sagrando-se campeão baiano em 72. Campeão em 75 pelo Fluminense, passou pelo Botafogo carioca e, em 79, foi conquistar outro título, desta feita o argentino, pelo Rosario Central.

Nesse mesmo ano foi campeão brasileiro pelo Internacional, de onde veio para o São Paulo em agosto de 81. É apontado como um dos grandes talentos do futebol brasileiro.

Antônio Pádua Soares (Toinho) (13/652): Só não é titular do São Paulo porque sofre a concorrência de Valdir Peres, o melhor goleiro do Brasil na atualidade. Foi contratado ao Sport Recife, em 77, mas iniciou a carreira em Terezina (PI), jogando pelo Flamengo Futebol Clube local. Foi campeão brasileiro em 77, paulista em 80, e vice-campeão brasileiro em 81.

José Oscar Bernardi (20/0654): O mais eficiente zagueiro central do Brasil, titular absoluto da seleção de Telê. Foi titular também na Copa da Argentina, sob o comando de Cláudio Coutinho. Nasceu em Monte São, MG, e começou nas divisões inferiores da Ponte Preta, clube pelo qual foi vice-campeão paulista em 77. Em janeiro de 80 jogou pelo Cosmos de Nova York e em julho foi contratado pelo São Paulo. Foi campeão paulista em 80 e vice brasileiro em 81.

Rodney Roz — Ney — (11/1153): Natural de Sorocaba, incluiu nas equipes amadoras do São Bento, daquela cidade. Em 75, já como profissional, foi comprado pelo Santos e em 76 transferiu-se para o Botafogo de Ribeirão Preto. Veio para o São Paulo em janeiro de 80.

José Sérgio Presti — Zé Sérgio — (8/357): Positivamente não teve um bom ano em 81. Além de perder a posição para Eder na seleção Brasileira, em razão de uma expulsão em Caracas (eliminatórias), fraturou o braço duas vezes e foi operado do joelho. E no entanto uma das maiores esperanças de Telê Santana para o Mundial da Espanha. Natural de São Paulo, capital, Zé Sérgio iniciou no próprio São Paulo em 73, passando em 77 a profissional e ganhando o título de campeão brasileiro.

Everton Nogueira (12/1259): Considerado uma das maiores revelações do futebol paulista em 81, Everton já marcou este ano 25 gols. Nascido em Florestópolis, PR, foi no Londrina, onde incluiu a carreira, que conseguiu grande destaque. Campeão da Taca de Prata em 79, foi o artilheiro paranaense em 80, com 28 gols, além de ter ganho o troféu de melhor jogador do ano, no Paraná. Veio para o São Paulo em 81, ano em que se sagrou campeão do mundo pela seleção de novos, em Toulon.

Antonio Carlos Pecorari — Tatu — (1.2/62): Nasceu em Marilândia (SP) e começou jogando no juvenil do São Paulo, em 78. Foi campeão juvenil categoria "C", nesse ano, campeão juvenil "B", em 79, e campeão Júnior, em 80. Integrou a seleção paulista de juniores que disputou o campeonato brasileiro da categoria, em 80. Campeão paulista de 80.

Walter Lucca Lateri — Walmirinho — (24/156): Também incluiu nas equipes juvenis do São Paulo, em 71. Foi campeão brasileiro, em 77, e em 79 foi emprestado ao Coritiba, ganhando o título estadual. Em 80 passou rapidamente pelo Colorado e nesse mesmo ano jogou pelo Internacional. Foi reintegrado ao São Paulo em janeiro de 81.

COMISSÃO TÉCNICA

Francisco Ferreira de Aguiar — Formiga — (11/1130): Natural de Araxá, MG, incluiu sua carreira de jogador no Ipiranga, de Araxá. Em 46 transferiu-se para o Cruzeiro, de Belo Horizonte, e integrou a seleção mineira diversas vezes. Em 50 veio para o Santos e ganhou dois títulos estaduais: 55 e 56. De 57 a 59 esteve no Palmeiras, sendo que em julho desse ano voltou ao Santos, onde ficou até 62. Foi tricampeão paulista nos anos 60, 61 e 62. Nessa época foi bicampeão sul-americano, bicampeão mundial interclubes. Conquistou ainda três títulos da Taca Brasil e o tricampeonato pela seleção paulista. Integrou a seleção brasileira nos anos de 56, 58, 59 e 60. Como treinador incluiu nas equipes amadoras do Santos. Em 78 foi campeão paulista pelo Santos, dirigindo a equipe de profissionais. Em 79 foi para a Arábia e conseguiu o bicampeonato, ganhando ainda a Copa do Rei. Em 81 veio para o São Paulo.

Prof. Ithon José Fritzen (19/639): Preparador físico, trabalhou em grandes clubes como Portuguesa de Desportos, onde foi campeão paulista em 73, América, do Rio, e no Grêmio Portolegrense, tendo sido campeão gaúcho em 77 e 79. Veio para o Morumbi em agosto de 80.

E no final, Serginho aumenta a diferença

A Ponte Preta voltou para o segundo tempo com Abel no lugar de Edson (Abel foi para a ponta esquerda e Osvaldo passou à direita). E, com isso, ficou muito mais agressiva. Porém, sempre incorrendo em uma falha: levantando a bola sobre a área do São Paulo, onde Dário Pereira e Gassem eram praticamente intransponíveis.

E justamente nos contra-ataques puxados por Renato, sempre às costas de Toninho Oliveira, o time de Formiga criou as maiores chances, nos primeiros minutos. Como, por exemplo, aos 5', quando o meia deu um corte seco em Juninho e chutou por cima. E aos 12', quando o próprio Renato ganhou na corrida de Toninho Oliveira, mas chutou fraco, permitindo que o goleiro Carlos tocasse na bola e a defesa aliviasse.

Dal até os 30', a Ponte Preta não saiu do campo do São Paulo. Mas sempre tentando o gol em primários "chuvelinhos" (no único que quase deu certo, Chicão cabeceou rente a trave de Valdir Peres), para alívio dos zagueiros são-paulinos.

Mas, nos 15 minutos finais, o São Paulo empurrou por sua torcida, que resolveu se manifestar, passou a insistir em buscar do segundo gol. O que esteve muito perto de conseguir aos 34', quando Tatu venceu Odriel e foi derrubado dentro da área. Pênalti que Getúlio cobrou fraco, no canto esquerdo, permitindo a defesa de Carlos.

Esperava-se que com o pênalti perdido, o São Paulo se abatesse e a Ponte se entusiasmasse. Mas

Paulo e Ponte Preta na chamada para os jogos entre URSS x Tchecoslováquia e Coríntias x Aurora. Isso já fazia supor o televisionamento da decisão, que acabou custando 15 milhões de cruzeiros, sendo 6,25 milhões para cada clube e 1,25 milhão para cada time (direito de arena).

* Ex-preparador físico do São Paulo, quanto trabalhava com Carlos Alberto Silva, com quem deixou o clube, e até a última semana treinador do América de Rio Preto (saiu após um desentendimento com o presidente do clube), João Leal Neto desmentia sua volta ao Morumbi — "estou aqui apenas como torcedor" — mas não confessava para quem torceria ontem, "pols já trabalhei no São Paulo, mas também o fiz na Ponte, onde fui médio-volante em 1966, e como treinador da equipe principal em 1969, um ano antes da Ponte se tornar campeã da 2.ª e voltar à 1.ª divisão".

* Um dos aspectos mais lembrados sobre a notável fase do futebol da Ponte Preta: o clube disputou todos os títulos desta temporada, patrocinados pela Federação Paulista de Futebol, em todas as divisões. Dos infantis, tornou-se campeã na manhã de sábado, ao vencer o São Paulo por 2 a 0, no Estádio do Allianz, em São Paulo do Campo. Foi também campeã da categoria juvenil, vencendo o mesmo São Paulo no mesmo estádio, também no sábado, por 2 a 1. E nas duas partidas o adversário tinha a vantagem do empate. Na categoria de juniores, empatou a segunda partida da decisão por 0 a 0, ontem, em Ribeirão Preto, mesmo resultado obtido no primeiro jogo contra o Botafogo, em Campinas. Agora, o título será decidido na noite de quarta-feira, em Araraquara.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ